SOBREVIVÊNCIA DO MAGA EXIGE ACORDOS DE TRUMP COM RÚSSIA, IRÃ E CHINA

*Por Andrew Korybko**



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Para sobreviver politicamente em 2028, Trump teria de conter o custo de vida e evitar novos choques energéticos e comerciais, negociando concessões profundas com a Rússia, o Irã e a China, numa guinada capaz de redesenhar a ordem mundial.

O desastre eleitoral que os republicanos acabaram de sofrer corre o risco de se repetir em 2028, a menos que Trump reduza o custo de vida, que disparou no último ano devido à Terceira Guerra do Golfo. Já foi sugerido anteriormente que "Trump precisa restringir as exportações de energia para a Europa se o movimento MAGA quiser ter alguma chance em 2028", uma vez que redirecionar esses recursos para o mercado interno reduziria mais rapidamente os preços dos combustíveis. A resolução da Terceira Guerra do Golfo e do conflito na Ucrânia também é fundamental para restaurar, gradualmente, a estabilidade no mercado global de energia.

Mesmo no melhor cenário, em que esses três objetivos sejam alcançados até o início de 2027, resultando em uma redução significativa nos preços dos combustíveis ao longo do ano seguinte e, consequentemente, em um custo de vida mais baixo antes de 2028, tudo isso pode ser em vão caso a China inicie uma nova rodada de guerra comercial antes das próximas eleições. Xi Jinping pode avaliar que é possível chantagear Trump para obter grandes concessões; Trump, por sua vez, poderia aceitá-las por puro desespero, na tentativa de dar ao movimento MAGA uma chance de sobrevivência, em vez de permitir sua completa aniquilação em 2028.

Sob a ótica da China, um presidente democrata poderia ser uma opção relativamente melhor do que outro republicano, dada a postura mais branda dos democratas em relação a Pequim e a priorização da contenção da Rússia em detrimento da contenção da China. Portanto, o cenário mencionado é coerente e, por conseguinte, realista. Em suma, o futuro do movimento MAGA depende de Trump firmar grandes acordos com a Rússia, o Irã e a China, visando reduzir o custo de vida antes das próximas eleições e garantir que nenhum desses atores tome medidas que façam os preços disparar novamente.

Isso só pode ser concretizado por meio de uma série de concessões mútuas que atendam a alguns dos interesses mais sensíveis de cada parte. Caso não fiquem satisfeitos com os acordos propostos, eles podem rejeitá-los, na expectativa de obter termos melhores; caso contrário, poderão contribuir para lançar o movimento MAGA na lata de lixo da história, mantendo elevado o custo de vida dos americanos, algo que os três países têm plena capacidade de fazer. Trump está ciente disso e, portanto, pode estar disposto a negociar em prol de um possível retorno do movimento MAGA.

A Rússia poderia restringir as exportações de energia para priorizar o mercado interno, em meio a ataques ucranianos contínuos contra suas refinarias, ainda que isso resulte em um novo aumento nos preços globais dos combustíveis; o Irã poderia manter seu bloqueio (ainda que imperfeito) ao estreito com o mesmo objetivo; e a China poderia deflagrar uma nova rodada de guerra comercial. Para evitar esses cenários, os EUA teriam que promover seus interesses na Ucrânia, no Golfo e em Taiwan, por meio de uma revolução na política externa que remodelaria, de forma fundamental, a ordem mundial emergente.

As arquiteturas de segurança e economia para a Europa no pós-guerra, aqui detalhadas, representam os compromissos mais realistas para atender a alguns dos interesses mais sensíveis da Rússia, visando evitar o cenário mencionado. Em relação ao Irã, os EUA teriam de suspender as sanções relacionadas ao setor energético, retirar sua presença militar do Golfo e deixar claro que não interviriam em apoio a Israel caso este inicie um novo conflito contra o Irã. Em relação à China, os EUA teriam que romper totalmente os laços com Taiwan, viabilizando, assim, o retorno da ilha ao território continental chinês.

Quanto à Rússia, há relatos de que essa proposta já está sendo articulada; contudo, embora os EUA tenham flertado com a possibilidade de um acordo com o Irã, não está claro se Trump possui a vontade política necessária para concretizá-lo. Ele também criticou Taiwan, acusando a ilha de roubar a indústria de semicondutores dos EUA, mas é possível que lhe falte a vontade política para, na prática, entregá-la à China. Seja como for, Trump poderia aceitar tudo isso, caso se convença de que esse é o único caminho para salvar o movimento MAGA e, consequentemente, preservar seu legado, consolidando-o, de forma inquestionável, como um pacificador global.

***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos complementares de equilíbrio geoestratégico da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
